

PROEMINÊNCIA E DESSACRALIZAÇÃO DA PERSONAGEM HISTÓRICA POR MEIO DO ANACRONISMO EM *LOS PERROS DEL PARAÍSO* DE ABEL POSSE E *AS NAUS DE LOBO ANTUNES*

Mauro Cavaliere
Stockholm University



Resumo || Este artigo insere-se no âmbito de um projeto de literatura comparada cujo objetivo é destacar certas correspondências em determinadas obras de ficção de língua espanhola e portuguesa. O que queremos salientar é a forma como determinadas problemáticas históricas e sociais são configuradas na obra de um ou outro escritor, muitas vezes com analogias visíveis no que se refere a tópicos, estilo, personagem, estruturas actanciais. Os dois romances pelos quais optamos neste artigo são *Los perros del paraíso* (1983) do argentino Abel Posse e *As Naus* (1988) do português António Lobo Antunes. Ambos os romances podem ser inseridos no âmbito daquilo que, na teoria do romance histórico, é definido como *novo romance histórico* ou *romance histórico pós-moderno* e, para além desta semelhança, compartilham uma visão comum sobre o processo de colonização nos séculos XV-XVI.

Palavras-chave || Comparatismo | Romance histórico | Pós-modernismo | Personagem histórica | Anacronismo | Abel Posse | António Lobo Antunes

Abstract || This paper is part of a comparative literature project that aims to explore certain similarities between Spanish and Portuguese-language fiction. The specific purpose is to highlight how a number of historical and social issues are dealt with in works that often show overt analogies in terms of topic, style, character, and actantial structure. The paper presents an analysis of two novels that offer similar views of the colonization process of the 15th and 16th centuries, *Los perros del Paraíso* (1983) by the Argentine writer Abel Posse and *As Naus* (1988) by the Portuguese writer António Lobo Antunes, both of which can be described, in the context of the theory of the historical novel, as *new historical novels* or *postmodern historical novels*.

Keywords || Comparatism | Historical novel | Postmodernism | Historical character | Anachronism | Abel Posse | António Lobo Antunes

0. A teoria do romance histórico

Já no final da década de 1980, ao constatar que o passado era uma linha temática frequente no romance dos últimos lustros, houve várias tentativas para abordar o fenômeno. Uma das mais felizes definições, acerca daquilo que parecia uma inesperada e heterodoxa manifestação do romance histórico romântico, foi a de romance “histórico pós-moderno” (Hutcheon, 1988). Na década de 1990, no âmbito das letras hispânicas, o fenômeno foi estudado por, entre outros, Menton (1993), Pulgarín (1995), Romera Castillo (1996) e Fernández Prieto. Será, sobretudo, aos modelos de Menton (1993) e Fernández Prieto (1996, 1998 e 2004) que se remeterá neste trabalho.

No modelo proposto por Fernández Prieto (1998) há duas tipologias dominantes no romance histórico pós-moderno: uma baseada na distorção dos materiais históricos e outra na redundância de procedimentos metafictícios. A distorção dos materiais históricos, aliás, pode assumir três manifestações diferentes que se podem configurar através de:

- I) Propostas históricas alternativas, contrafactuais e apócrifas.
- II) Exibição de procedimentos de hipertextualidade.
- III) Presença de anacronismos: diegéticos (irrelevantes nas duas obras aqui consideradas) e intertextuais.

Além disso, mesmo não sendo um traço apenas inerente ao romance histórico pós-moderno – manifesta-se amiúde em romances históricos contemporâneos de tendência tradicional – é usual que nessa tipologia de romances seja visível uma presença preponderante de personagens históricas, que é o exato oposto do que costumava acontecer no romance histórico romântico. É justamente este traço que vamos privilegiar na primeira parte da análise para depois abordar os traços I-III acima descritos.

1. A colocação temporal da diegese

Los perros del paraíso poder-se-ia definir como uma biografia alucinada de Cristóvão Colombo que vai da infância do navegador até ao seu regresso forçado a Espanha, sendo particularmente ampliados: alguns momentos importantes – porque premonitórios – da sua infância; a estadia em Portugal; a procura de um contato com Isabel de Castela que lhe permita realizar o seu projeto; as quatro viagens para a América (que, na distorção factual efetuada no romance, são condensadas numa só que durará 10 anos, 1492-1502). É preciso acrescentar que o verdadeiro objetivo da viagem,

para Colombo – que neste projeto encontra o entusiástico apoio da rainha Isabel – é reconduzir a humanidade ao paraíso terreno que, finalmente, o navegador acredita ter achado ao chegar às Caraíbas. No entanto, é um pouco limitador argumentar no sentido do domínio absoluto da figura de Colombo, já que no romance muitos dos capítulos-fragmentos¹ são dedicados a outras personagens históricas envolvidas – em diferentes graus – no acontecimento histórico central que, obviamente, é o descobrimento da América. Entre estas personagens sobressaem os Reis Católicos, Beatriz de Bobadilla, Filipa Moniz de Perestrelo, Beatriz Enríquez Arana e, finalmente, o Padre Boyl e Francisco Roldán.

Quanto ao romance de Lobo Antunes, tudo se torna mais complicado, sendo o dispositivo narrativo do romance baseado numa relação temporal paratáctica² entre o biénio revolucionário e diferentes épocas históricas entre as quais, no entanto, sobressai o período dos descobrimentos. A intriga centra-se no regresso a Portugal, das colónias próximas da independência, de uma dezena de retornados³. O que relaciona este episódio histórico com outros momentos mais afastados no tempo é que tais retornados têm nomes de navegadores ou de intelectuais portugueses dos séculos XV-XVI. Além disso, estas personagens, uma vez chegadas a Portugal, interagem com outras personagens históricas, entre as quais não apenas, como seria de esperar, portugueses envolvidos na epopeia da expansão imperial, mas também homens de cultura, sejam eles portugueses, espanhóis ou de outras nacionalidades, e que viveram em diferentes épocas históricas. Estas personagens entrecruzam-se muito esporadicamente ao longo do romance, sendo a intriga, por isso, elementar, afetando desse modo os poucos capítulos que cada um deles protagoniza. O décimo-oitavo, e último capítulo, conclui-se com o internamento num hospital dos protagonistas e a sucessiva e inútil espera do regresso do mítico rei D. Sebastião (1554-1578) numa praia.

2. As personagens dos dois romances

Apresentar-se-á a seguir o rol das personagens que aparecem nos dois romances, distinguindo entre personagens históricas e personagens inventadas, para proporcionar uma visão de conjunto que torne evidente esta fundamental diferença.

As Naus:

- a) Personagens históricas: Pedro Álvares Cabral, Luís de Camões, Cervantes, Vasco da Gama, P.^o Francisco Xavier, Diogo Cão, Infante D. Henrique, Manoel de Sousa Sepúlveda,

NOTAS

1 | A definição é de García Ramos (1996: 106).

2 | O termo gramatical “paratático” é aqui aplicado em sentido trasladado, referindo-se à falta de relações de subordinação ou até mesmo de coordenação entre os diferentes períodos históricos em que se desenrola a intriga. Eis aqui um exemplo: «O táxi deixou-nos junto ao Tejo numa orla de areia chamada Belém consoante se lia no apeadeiro de comboios próximo com uma balança de uma banda e um urinol da outra, e ele avistou centenas de pessoas e de parelhas de bois que transportavam blocos de pedra para uma construção enorme dirigidos por escudeiros de saia de escarlata indiferentes aos carros de praça, às camionetas de americanas divorciadas e de padres espanhóis, e aos japoneses míopes que fotografavam tudo» (Antunes, 1988: 10). Foi usado muito acertadamente por Marinho (1999: 294), que fala em «confusão dos tempos» e «verdadeiro processo paratático».

3 | Tratando-se de um trabalho de literatura comparada, vale a pena explicar que, com o termo “retornado”, se entende o imigrante ou descendente de imigrante das colónias portuguesas que voltou a Portugal na sequência de acontecimentos que precederam ou se seguiram à independência das colónias (*Priberam*, item *retornado*).

Fernão Mendes Pinto, “D. Manoel I”, Nuno Álvares Pereira, Garcia da Orta, Federico García Lorca, Luis Buñuel (num total de 14 personagens)⁴.

b) Personagens inventadas: o casal de septuagenários de Bissau; a mulata e a criança, respectivamente mulher e filho de Pedro Álvares Cabral; a prostituta apaixonada por Diogo Cão; o polícia que prende Vasco da Gama e D. Manuel, a mulher de Garcia da Orta (cap. XIV). Nenhum deles é nomeado com o nome próprio, isto é, o autor não “batiza” nenhuma personagem ficcional⁵ (num total de 7).

Los perros del paraíso:

c) Personagens históricas (relevantes): Colombo, Isabel a Católica, Fernando de Aragão, Juana la Beltraneja, Enrique IV, Beatriz de Bobadilla, Filipa Moniz Perestrelo, Beatriz Arana, Francisco Roldán, Padre Buil (Boyl), Bartolomé de las Casas, Bartolomé Colón; Guaironex, Anacaona, Siboney; além disso um Ulrico Nietz facilmente identificável como Nietzsche, Swedenborg, Mordecai (Marx).⁶

d) Personagens inventadas: Huamán Collo (enviado de Túpac Yupanqui), Tecuhtli de Tlatelolco.

A desproporção entre personagens históricas e inventadas é evidente, tanto no primeiro como, sobretudo, no segundo.

Uma longa tradição, que tem os seus antecedentes em Lukács⁷, identifica um dos traços típicos do romance histórico romântico no protagonismo de uma ou mais personagens inventadas. Só com o surgimento de obras classificadas como pós-modernas, mais exatamente as chamadas *metaficções historiográficas*, Hutcheon (1988: 113-4) julga encontrar uma inversão de tendência em relação à longa tradição que provém do romantismo, isto é, o protagonismo da personagem histórica⁸.

Na verdade, no romance histórico pós-moderno, é notório o protagonismo da personagem histórica – embora haja muitos casos em que não é assim – mas tal acontece amiúde também no romance histórico de tendência tradicional (*El general en su laberinto* de García Márquez, por exemplo). É opinião comum que tal tendência é devida aos abalos epistemológicos do género discursivo com o qual o romance histórico entra necessariamente numa relação intertextual, isto é, a historiografia⁹. Seria, portanto, a crise do paradigma da objetividade da historiografia que permitiria ao romance histórico tanto preencher os vazios deixados por esta – é o caso do romance de tendência mais tradicional –, como igualmente questionar, a partir de uma perspectiva ficcional, as reticências e as

NOTAS

4 | Além das personagens elencadas acima, aparecem também outras personagens históricas – e de vez em quando mitológicas, mas sempre referenciais – que não agem nem emitem um discurso direto e que, portanto, se consideram aqui como secundárias.

5 | Apenas o casal e a prostituta têm a mesma relevância de algumas das personagens históricas. As personagens históricas, portanto, não só são protagonistas do romance, como o dominam mesmo em termos numéricos.

6 | Acrescentamos uma pequena amostra de personagens históricas mencionadas por Posse limitadamente às págs. 107-159: César, Lucrecia e Rodrigo Borja (Alexandre VI), Diego de Landa, Rodrigo de Triana, Michel de Cuneo, Savonarola, Boabdil, Gonzalo de Córdoba, Pizarro, Cortés, Afonso V de Portugal, Leonardo da Vinci, Torquemada, Hasday Ibn Saprut.

7 | Referimo-nos ao célebre *Der historische Roman* (1936-37).

8 | A questão é, contudo, bastante mais complicada, uma vez que no romance histórico romântico, pelo menos nos seus primórdios, houve uma certa flutuação. No entanto, a partir de um determinado momento, foi esta a tendência que se afirmou no romantismo (Cavaliere, 2002: 142-3). No século XX, na esteira de Robert Graves e de Marguerite Yourcenar, autores bem distantes da estética pós-moderna, não faltaram romances em que o papel de protagonista foi desempenhado por – aliás, célebres – personagens históricas (Cavaliere, 2002: 11-12).

falsificações da história.

Isto implica que a hibridez intrínseca do género – fator que, por meados do século XIX, Manzoni identificou como o inconveniente que levaria o romance histórico ao seu ocaso – revelou-se, no final do século XX, como um dos seus recursos mais fecundos. Com efeito, o romance histórico, justamente por ser romance, propõe um pacto de leitura ficcional. Apesar disso, os textos desse tipo aparecem sobrecarregados de instruções referenciais propondo, ou deixando entrever, um pacto de leitura diferente. A diferença entre a predominância do primeiro, ficcional, ou do segundo, factual, é afinal uma questão de proporção.

Não há grandes dúvidas de que os dois romances aqui analisados sugerem, pelo menos ao nível dos signos “personagem” e “ação”, um pacto do segundo tipo, contraditado constantemente pelo resto do repertório discursivo que orienta claramente o leitor no sentido do pacto ficcional.

3. Os anacronismos e o antidiadatismo

Outro aspeto que os dois romances têm em comum diz respeito à informação histórica proporcionada – ou melhor, não proporcionada – no texto ficcional. O romance histórico romântico tinha um carácter marcadamente didático. O autor, na sua função de editor de um manuscrito que referiria, supostamente, uma história verdadeira, proporcionava uma série de informações que visam a compreensão, por parte do leitor, de um contexto histórico distante e, por isso, desconhecido. Normalmente, essas informações tinham a forma de comentário metadieético, em que um autor erudito comenta e completa as informações proporcionadas no plano dieético pelo autor explícito, isto é, o suposto autor do manuscrito achado¹⁰. O autor implícito configurado no texto situa-se, portanto, num nível superior, e esta superioridade é garantida pela erudição ostentada. Com efeito, trechos inteiros do romance dedicam-se a uma minuciosa reconstrução arqueológica do passado. O leitor implícito, por isso mesmo, acaba por ser situado num nível inferior¹¹. Inferior, é certo, mas bastante confortável, uma vez que muitas informações são já proporcionadas pelo texto.

A relação estabelecida ao nível pragmático por romances como *As Naus* ou *Los perros del paraíso* é oposta ou, de qualquer forma, muito diferente. Se é verdade que a quantidade de referências históricas aponta para uma desproporção enciclopédica entre autor e leitor, é ao mesmo tempo indiscutível que todas as referências históricas são implícitas e as que são proporcionadas, especialmente por Lobo Antunes, consistem numa série de lugares comuns que parecem pertencer antecipadamente à enciclopédia do leitor:

NOTAS

9 | No que se refere a este debate, veja-se, por exemplo, Cavaliere (2002: 67 e 167).

10 | Veja-se Fernández Prieto (1998: 74-93).

11 | Há, de facto, casos em que certos leitores possuem uma enciclopédia histórica igual ou até mais ampla do que o autor. Um caso macroscópico é o dos historiadores profissionais, que, questionando a fidelidade histórica do romance, sempre constituem uma “ameaça” para os autores de romances históricos. Veja-se a este propósito as considerações de Otto von Ranke sobre Walter Scott (*apud* Lozano, 1987: 181).

... o que julgaria o infante [...] lá na escola de Sagres, desdobrando mapas e consultando estrelas frente às janelas do mar (Antunes, 1988: 15).

[Camões:] palavra que imaginava uma enseada repleta de naus aparelhadas que rescendiam a noz-moscada e a canela (92).

[Vasco da Gama] jantava água de barril e biscoitos de caravela (183).

O Infante D. Henrique resumia-se a uma fábula virtuosa e heróica dos livros de História que mostravam um príncipe de bigode de cantor romântico e chapéu de abas largas sentado na extremidade de um promontório de escarpas [...] o infante dos livros de História visitava-os de tempos a tempos com o seu séquito de almirantes, frades, astrónomos e geógrafos (214-215).

Reproduzem-se, pois, uma série de estereótipos da historiografia dos descobrimentos (mapas, noz-moscada, canela, água de barril, biscoitos) e, finalmente, a admissão explícita: a imagem, um tanto convencional, do infante D. Henrique, é a que foi divulgada pelos livros de história. Não há nenhum tipo de investigação historiográfica: o autor limita-se a mostrar uma série de imagens convencionais dos protagonistas desta época histórica para logo as desmontar e colocar «em situações ridículas ou hiperbólicas», contribuindo assim para «definir o espírito português no que ele tem de mais saudosista e arreigado a um passado mítico e, porque mítico, glorioso» (Marinho, 1999: 294). A descodificação implica, naturalmente, determinado esforço e determinados conhecimentos por parte do leitor: antes de tudo, algumas informações (sobre as personagens históricas e certos acontecimentos que elas protagonizaram) e, a seguir, conhecimento do repertório retórico de um discurso historiográfico marcado por um orgulho nacionalista de antanho. No entanto, como se verá, as situações ridículas dependem, fundamentalmente, de um uso maciço e original do anacronismo.

Quanto a *Los perros del paraíso*, o procedimento é diferente, pois o que está em jogo aí não é dessacralizar os heróis ao colocá-los numa época em que aparecem comicamente anacrónicos (ou, numa leitura inversa do texto, atribuir a um grupo de retornados nomes famosos), mas antes descrever a façanha de Colombo a partir de uma hipótese histórica aparentemente absurda e contrafactual. É o caso das duas passagens que se citarão a seguir:

El 13 de agosto de 1476 [Colón] había llegado, semidesnudo y haciendo “la plancha”, apenas impulsándose con una mano – la otra agarrada a un remo roto – hasta el roquedal de la costa portuguesa (Posse, 2003: 88).

Aqui se retira qualquer aura épica à – suposta – chegada do Almirante a Portugal em resultado de um naufrágio por meio de um modernismo lexical¹² («haciendo la plancha») evocador de proezas

NOTAS

12 | A modernização consiste na introdução de vocábulos inexistentes, porque mais modernos, no plano diegético: «pero existe otra posibilidad de anacronismo verbal, opuesto al anterior, la modernización, que consiste en hacer hablar al narrador o a los personajes no sólo con un léxico y unas expresiones modernas, incongruentes y chocantes con el contexto histórico al que pertenecen sino además, generalmente, en un registro impropio de su categoría histórica» (Fernández Prieto, 2004: 257).

natatórias de veraneante. No entanto, não é só o anacronismo lexical a zombar da personagem histórica e distanciar-se do lugar-comum historiográfico, mas também a falsificação histórica. Outro exemplo disso é a descoberta do famoso mapa em que Colombo se baseou para realizar o seu empreendimento:

En ese mismo cajón, al fondo, a la derecha, encontró la famosa carta secreta del geógrafo e cosmólogo Paolo Toscanelli, dirigida al finado Perestrello con un claro croquis sobre las Antillas y el Cipango no muy lejos de la costa portuguesa (Posse, 1983: 92).

Aqui, além do anacronismo lexical (*croquis*), aparece uma falsificação histórica, já que no mapa de Toscanelli não podiam aparecer – e de facto não aparecem – as Antilhas. Todavia, olhando mais atentamente, pode ler-se que se trata de uma carta secreta. Isto aponta para o dispositivo básico da fabulação posseana, isto é, a existência de um diário secreto de Colombo em que se revelaria que o objetivo da viagem é reconduzir a humanidade ao paraíso terreno. O tópico do mapa-secreto é reiterado na citação seguinte: «Por el colmo el rey de Portugal rechazó con entusiasmo y risa la propuesta de Christovao de navegar hacia Cipango y las Antillas. No lo tomaban en serio» (Posse, 1983: 95).

Apesar das diferenças apontadas, é evidente que, também no caso de *Los perros del paraíso*, o que se pede ao leitor é que ele decifre uma série de informações históricas e lhes atribua um valor de verdade histórica, ou o contrário.

É, com efeito, a inserção de hipóteses históricas – afinal não tão extravagantes como à primeira vista poderia parecer – a apontar para a obsoleta vigência na sociedade de certezas oitocentistas ao serviço de um discurso hegemónico que, apesar de tudo, ainda resistia na época da publicação dos romances; são justamente estas certezas que os dois romances procuram destruir¹³.

De qualquer maneira, a dúvida sobre a aderência aos “factos”, em particular a viga mestra da história, a cronologia, é retirada de passagens como a que se segue:

Lo cierto es que Cristóbal estaba ya en el castillo popel de la Santa María. 2 de agosto de 1492. Noche de buena luna. Aquella partida duró diez años (1492-9 mayo de 1502). El almirante vio la repetición de las mismas acciones con diferente escenario, desde el castillo de la Santa María, de la María Galante (Cádiz 1493) o del de la Gallega (Posse, 1983: 148).

A partir deste momento, a condensação das quatro viagens numa só desvia, se ainda fosse preciso, a atenção do leitor da aderência a uma exposição fidedigna dos acontecimentos históricos para o

NOTAS

13 | No que se refere a Lobo Antunes, Marinho (1999: 294) fala na «irreverência provocada pela parataxe e pela colocação de personagens tidas tradicionalmente como intocáveis e detentores do espírito nacional em situações ridículas ou hiperbólicas»; Seixo, por sua vez, numa «paródia do período flamejante da nossa história pátria, em estilo de irrisão pós-moderna» (2002: 194). No que se refere a Posse, Menton defende que *Los perros del paraíso* é uma crítica contra toda forma de poder que «se extiende desde un Dios omnipotente a través de los imperios de los aztecas, los incas y los españoles, hasta el siglo XX con los nazis, el imperio económico y cultural de los Estados Unidos, el marxismo... y la dictadura militar argentina de 1976-1983» (Menton, 1993: 128); as conclusões de Pulgarín (1995: 106), no seu pormenorizado estudo sobre o mesmo romance, é que «los novelistas contemporáneos revalorizan los nuevos conceptos que relacionan la historia a la ficción», pois «la narrativa reciente pone de manifiesto la insuficiencia de la historiografía para revelar la historia o la verdad total sobre el acontecimiento histórico»; Costa Milton (1995: 104 e 108) interpreta-o como uma paródia que sugere outras possibilidades de interpretação dos acontecimentos do passado; Ceballos (2007: 95), finalmente, considera o romance uma resposta anticolonial e outra história da conquista do Novo Mundo” (2007: 112); Cano Pérez (2010: 152), num interessantíssimo estudo dedicado inteiramente à construção da personagem histórica em Abel Posse, defende que «se juega con una duplicidad semántica que actúa como un continuo guiño al lector y que le advierte a éste de la existencia de dos discursos: el histórico de los manuales y el novelesco».

sentido, disfarçado, que a empresa colombina, abordada como única viagem, poderá ter tido.

Todavia, mais do que nas passagens que se referem a conhecidos acontecimentos históricos, parece-nos que em *Los perros del paraíso* é a referência a personagens, ideias políticas, concepções filosóficas dos séculos XV e XX (a sobreposição temporal constante entre os dois séculos) a estimular uma enérgica ativação da enciclopédia do leitor. Ao abordar os antecedentes históricos da viagem colombina, afirma-se o seguinte:

Las multinacionales se asfixiaban reducidas a un comercio entre burgos. Reclamaban con airada impaciencia. Los Berardi, los Ibarra, Van der Dine, el dinámico ejecutivo de Amberes, los Negri, Cattaneo, Spinola, los Buddenbrook de Lübeck... los tejedores catalanes encabezados por Puig; se rebelan ante la inmovilidad (Posse, 1983: 14).

Na lista são mencionados comerciantes florentinos fixados na Andaluzia (Juanoto Berardi), comerciantes flamengos de duvidosa existência (os Van der Dine, nome que antes do mais evoca o criador de Philo Vance) e nomes de famosas famílias “capitalistas” da época de Colombo. No entanto, alguma desconfiança torna-se obrigatória, pois de repente mencionam-se também dinastias de comerciantes ficcionais (os Buddenbrook) e escritores argentinos contemporâneos que lideram tecedores catalães¹⁴. O anacronismo, evidente em todo o trecho, é, aliás, antecipado pela referência às multinacionais.

O mesmo procedimento, a enumeração, é adotado também nesta passagem em que aparecem Alexandre VI e os seus filhos ilegítimos, a sua amante, famílias oligárquicas venezianas, genovesas e romanas – além de um cardeal já falecido na altura (Pérez, 1988: 126). Neste caso, o anacronismo é realizado por meio de um cliché algo turístico¹⁵ sobre a Espanha atual e associado, com razão ou sem ela, a García Lorca (sendo, portanto, mais um anacronismo intertextual):

Atrás del Pontífice y de Giulia Farnese iba Lucrecia Borgia, rigurosamente a la española, traje negro, mantilla bordada, pero un tanto lorqueana con su mantón y volados agitanados. También César, hijo del Santo Padre, el cardenal Venier, el príncipe y el cardenal Orsini, los arzobispos de Nápoles y de Sicilia y señores venecianos: Morosini, Grimaldi, Foscari, Marcello (Posse, 2003:131).

As enumerações remetem também para uma configuração da relação entre autor e leitor implícitos onde ressalta a superioridade do primeiro, como durante o romantismo. No entanto, como já foi dito, está completamente ausente, do romance histórico pós-moderno, uma atitude de tipo pedagógico. É verdade que, para descodificar a mensagem, não é preciso conhecer todos os dados com minúcia, pois

NOTAS

14 | Provavelmente só pelo facto de o apelido ser tão comum na Catalunha. Com efeito, nada nos assegura que haja uma explícita referência a Manuel Puig, pessoa, aliás, pouco inclinada para a liderança de movimentos corporativos. A nossa conjetura deve-se ao facto de os dois escritores serem argentinos e bastante nómadas. Trata-se, todavia, de uma brincadeira: é difícil falar em tecedores catalães num romance deste tipo e resistir à tentação de os fazer liderar por um Puig.

15 | Vale a pena acrescentar que o efeito cómico, aqui como em *As Naus*, se deve ao uso do cliché como paródia do pitoresco.

a redundância do anacronismo revela ao longo de todo o romance a isotopia fundamental¹⁶. Todavia, desvendar a relação entre o dado assente historicamente e os eventuais anacronismos é uma operação desafiante e esgotante (desvantagem contrabalançada pelo facto de o texto também poder funcionar como estímulo à investigação pessoal).

Um dos aspetos em que ressaltam certas semelhanças é a descrição das personagens. Nelas avulta sempre um ou mais elementos anacrónicos que contribuem para torná-las cómicas ou patéticas:

[padre Buil] tenía una sotana lujosa, cortada en Sevilla, en Triana, por las mismas modistas que labraban las monteras de los más afamados toreros (Posse, 1983: 251).

D. Sebastião, aquele pateta inútil de sandálias e brinco na orelha, sempre a lambar uma mortalha de haxixe, tinha sido esfaqueado num bairro de droga de Marrocos por roubar a um maricas inglês, chamado Oscar Wilde, um saquinho de liamba (Antunes, 1988: 179).

A batina do P.^e Buil, uma personagem tão austera, é caracterizada assim pela inesperada associação ao *kitsch* da indumentária dos toureiros, ao passo que a indumentária do monarca português é comparada à de um hippie – para não falar no pluricitado anacronismo da versão do seu falecimento em Marrocos.

Os exemplos podem seguir, comparando a caracterização de Nietzsche, no romance de Posse, com a de um decrépito Diogo Cão no romance de Lobo Antunes. No primeiro caso, o anacronismo procede da caracterização do filósofo alemão como lansquenete ao longo de todo o romance. Não surpreende, portanto, o anacronismo destacado pela referência a apetrechos militares de outra época (*cueros militares, armas herrumbradas*); no segundo caso, a senilidade atribuída a Diogo Cão é efetivada por meio de uma série de modernismos lexicais:

[Nietz] tenía bigotazos de crin dura, inflexible; crin de jabalí al que mataron la hembra en una infame cacería. Mirada de tigre enjaulado: reflejos amarillos y estrías marrones. Olía a sudor de caminante sin posada y a cueros militares y armas herrumbradas en derrotas bajo la lluvia (Posse, 2003: 26)¹⁷.

... aquele vergonhoso despojo de almirante [Diogo Cão] quase afogado nos seus próprios pigarros, a cheirar a ausência de sabonete e à urina incontinente dos ébrios senis (Antunes, 1988: 152).

Ainda mais eficaz, e parecida, é a reconstituição, por assim dizer, “antiarqueológica” ou “antifilológica” da época descrita. O efeito é realizado por meio da recondução do aparato arcaizante da descrição a objetos atuais situados no campo semântico do lúdico, acentuando assim o efeito cómico:

NOTAS

16 | Para criar este efeito considere-se também a densidade das referências enciclopédicas por meio desta pequena amostra das personagens históricas mencionadas entre as pp. 107-159: César, Lucrecia e Rodrigo Borja (Alexandre VI), Diego de Landa, Rodrigo de Triana, Michel de Cuneo, Savonarola, Boabdil, Gonzalo de Córdoba, Pizarro, Cortés, Afonso V de Portugal, Leonardo da Vinci, Torquemada, Hasday Ibn Saprut (um por página aproximadamente).

17 | Ficando-nos pelo motivo da transfiguração do filósofo alemão, apontamos que Pulgarin (1995: 80) vê nesta passagem «[Nietz] había alcanzado, por fin, las tierras soleadas donde florece el limonero» (Posse, 2003: 25) uma alusão a um poema de A. Machado e não ao *Poema de Mignon* de Goethe, ou à valsa de Strauss (de 1874) por ele inspirada. Somos da opinião que a relação com a cultura alemã constitui, nesta passagem assim como noutras que dizem respeito a Nietzsche, a relação intertextual privilegiada. Não tanto pela correspondência cronológica entre a valsa de Strauss e a publicação de *Assim falou Zarathustra* (citado, aliás, frequentemente), mas porque o poema é citado, em língua original, poucas páginas antes, isto é, na primeira das quatro cronologias que abrem os quatro capítulos do romance: «El lansquenete Ulrico Nietz, acusado de bestialismo por besar un caballo, llega de Turín a Génova. La tierra *Wo die Zitronen Blühen*. El dolor óntico y la estafa judeo-cristiana. “Dios ha muerto.”» (Posse, 1983: 12).

[el tecuhtli y Huamán] entraban en el *Codex* con pie lento y grave. «Solemnes como reyes de baraja», hacia el último banquete (Posse, 2003: 40).

Havia quarenta e dois anos que Vasco da Gama não falava ao monarca [D. Manuel], encontrou um príncipe envelhecido afastando as moscas com o ceptro, de coroa de lata com rubis de vidro na cabeça (Antunes, 1988: 117).

No caso de *Los perros del paraíso*, apenas se trata de uma comparação sugerida pelo narrador, ao passo que em *As Naus* os objetos degradantes se situam no mesmo plano diegético da personagem. Esta diferença depende do dispositivo fundamental dos dois romances, isto é: em *As Naus*, o anacronismo deriva da própria estrutura acrónica do romance; ao invés, *Los perros del paraíso* situa-se claramente nas últimas décadas do século XV – mesmo que esta época seja invadida constantemente pelos anacronismos intertextuais.

4. Conclusões

Num estudo comparativo é preciso destacar tanto as analogias que poderá haver entre as obras estudadas, como as divergências entre elas. Começar-se-á com estas últimas para que, mais à frente, se tornem mais claras as semelhanças.

Uma clara diferença pode ser detetada ao nível da personagem visto que, ao indiscutível protagonismo de Colombo em *Los perros del paraíso*, equivale, em *As Naus*, uma distribuição deste papel entre, pelo menos, dez personagens. Em consequência disto, o enredo do romance português é fragmentado, sendo o encontro entre estas personagens esporádico, ao passo que no romance argentino a intriga gira ao redor do navegador ou, melhor, do seu empreendimento.

No entanto, a diferença mais relevante é a que já foi apontada várias vezes nas páginas anteriores, ou seja, a estrutura hipotáctica de *As Naus* oposta a uma colocação claramente pretérita da diegese em *Los perros del paraíso*. Neste último romance, o anacronismo é proporcionado por uma série de referências a pessoas, textos e ideias posteriores ao século XV. Todavia o pano de fundo, ainda que pouco convencional, é a época dos Reis Católicos. Em *As Naus*, o espaço e a ação remetem tendencialmente para uma época recente, a década de 1970, perturbada inopinadamente por incursões noutras épocas históricas. Isto faz com que a referência à época dos descobrimentos seja afiançada, fundamentalmente, pelo abundante uso de nomes famosos atribuídos a personagens caracterizadas como (quase) contemporâneas.

Estabelecido tudo isto, vale a pena sublinhar as semelhanças:

Os dois romances partilham e revelam dois traços típicos do romance histórico, sendo o primeiro independente da pertença a outras subcategorias deste mesmo género e o segundo típico do romance histórico pós-moderno:

- I) A proeminência das personagens históricas, já apontada ao longo da análise, convida o leitor a uma releitura / reinterpretação de acontecimentos históricos de grande relevância na história nacional ou continental, tendo tal revisitação claras implicações sobre a relação colonizador-colonizado.
- II) O uso maciço do anacronismo intertextual, ao recordar-nos constantemente o momento contemporâneo da enunciação, faz a história sobressair como construção determinada por ideologias vigentes na contemporaneidade.

Talvez seja supérfluo acrescentar que estes traços têm uma relação com o momento histórico da enunciação, isto é, a publicação dos dois romances, pois o questionamento radical de certas versões historiográficas dominantes, a cinco séculos dos grandes descobrimentos e das relativas celebrações, fez parte de um movimento que, surgido na década de 1970, atingiu o seu ápice na década de 1980¹⁸.

NOTAS

18 | Para um inventário dos títulos principais, consulte-se Fernández Prieto (1998: 157).

Referências

- ANTUNES, A. Lobo (1988): *As Naus*, Lisboa: D. Quixote.
- CANO PÉREZ, M. (2010): *Imágenes del mito. La construcción del personaje histórico en Abel Posse*, Alicante: Cuadernos de América sin nombre.
- CAVALIERE, M. (2002): *As Coordenadas da Viagem no Tempo. Uma contribuição para a teoria da ficção histórica baseada em alguns textos portugueses dos séculos XVI, XIX e XX*, Universidade de Estocolmo (tese de doutoramento).
- CEBALLOS, R. (2007): «*Los perros del paraíso, la otra mirada al descubrimiento*», *Comunicación*, 5, 93-113.
- COSTA MILTON, H. (1995): «La novela histórica del descubrimiento: *Los perros del paraíso* de Abel Posse», in *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas, Estudios hispanoamericanos II*, Birmingham, vol. VII, 103-109.
- FERNÁNDEZ PRIETO, C. (1996): «Relaciones pasado-presente en la narrativa histórica contemporánea», in ROMERA CASTILLO, 213-222.
- FERNÁNDEZ PRIETO, C. (1998): *Historia y novela: poética de la novela histórica*, Pamplona: Eunsa.
- FERNÁNDEZ PRIETO, C. (2004): «El anacronismo: Formas y funciones», in MARINHO, 249-259.
- GARCIA RAMOS, J. M. (1996): *Por un imaginario atlántico*. Barcelona: Montesinos.
- HUTCHEON, Linda (1988). *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*, New York/London: Routledge.
- LOZANO, Jorge (1987): *El discurso histórico*, Madrid: Alianza.
- MARINHO, M. F. (1999): *O Romance Histórico em Portugal*, Porto: Campo das Letras.
- MARINHO, M. F. (2004) (ed.): *Literatura e história*, Porto, Publicações da Universidade do Porto.
- MENTON, S. (1993): *La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: FCE.
- PÉREZ, J. (1988): *Los reyes católicos*, Hondarribia: Nerea.
- POSSE, A. (2003): *Los perros del paraíso*, Barcelona: Mondadori-Debolsillo [1983].
- PRIBERAM, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, <<http://www.priberam.pt/dlpo/retornado>>, [21/03/2013].
- PULGARÍN, A. (1995): *Metaficción historiográfica: la novela histórica en la narrativa hispánica posmodernista*, Madrid: Editorial Fundamentos
- ROMERA CASTILLO, J. et alii (eds.) (1996): *La novela histórica a finales del siglo XX*, Madrid: Visor (Actas del V seminario internacional del Instituto de Semiótica Literaria y Teatral de la UNED, Cuenca, UIMP, 3-6 de julio de 1995).
- SEIXO, M. A. (2002): *Os Romances de Lobo Antunes*, Lisboa: D. Quixote.